

O INVERNO DAS CIGARRAS E RELAÇÃO DA SOCIEDADE COM OS ARTISTAS

RESUMO: Sem grandes aspirações acadêmicas, este trabalho propõe-se a prestar uma singela homenagem aos artistas, que têm tornado a nossa vida mais leve durante a pandemia do novo Coronavírus. Com base na imagem da cigarra das fábulas de Esopo e de Jean de La Fontaine e de algumas releituras feitas por escritores brasileiros, como Monteiro Lobato, José Paulo Paes e Millôr Fernandes, pretende-se refletir sobre o papel dos artistas na sociedade. Ideias expressas por Platão, nos livros *A República* e *Íon*, e por Otácvio Paz, em *O arco e a lira*, auxiliarão nas discussões sobre o lugar de quem se dedica à arte e à cultura em mundo padronizado. A partir de diálogos com as versões revisitadas dessa fábula, espera-se demonstrar que o canto das cigarras é imprescindível e, portanto, precisa ser preservado.

PALAVRAS-CHAVES: valorização da arte e da cultura; políticas; releituras de fábulas; Covid-19.

Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade.

Monteiro Lobato

Cumprir uma quarentena, principalmente quando há uma forte campanha nos incentivando a boicotá-la, não é tarefa simples. Para muitos, a fome, o medo do desemprego, desinformação, entre outras questões acirradas pela endêmica desigualdade socioeconômica brasileira, tornam esta fase ainda mais desafiadora. Em tempos tão sombrios e incertos manter a sonhada “Leveza” – tema do oitavo episódio da quarta temporada do Greg News, que, a propósito, conseguiu me deixar mais leve – tornou-se algo impensável para meros mortais em meio a uma pandemia. Mesmo não sendo capaz de nos fazer levitar a ponto de negarmos a realidade que nos assola, a arte representa um importante mecanismo para amenizar as agruras deste momento.

Em meio aos filmes, músicas, livros, entre outros produtos culturais que tenho devorado nestes meses de isolamento, chamou a minha atenção a letra da música “Nunca não”, de Vander Lee, cantor e compositor mineiro, morto em 2016 – mesmo

ano em que o apocalipse brasileiro começou a se desenhar com mais nitidez. Como resposta às queixas da amada que não entendia o seu estilo alheio às questões práticas da vida, ele expressa:

o que você se esquece
é que sem gente como eu
seria o mundo uma monotonia
que quando está cansada
das mazelas de plantão
o que te faz feliz é minha voz, minha canção.
(VANDER LEE, 2009)

Esses versos e outros que veem na sequência – “se eu estou aqui perdido/ a procura de um refrão/ você vem me perguntar se tem comida pro cão” – parecem transcender ao diálogo lírico-amoroso e sugerem um apelo ao público para que compreendam e valorizem mais o processo criativo dos artistas. A voz de Vander Lee nessa canção me remete ao canto da cigarra incompreendida pela formiga no inverno, nas fábulas de Esopo e de Jean de La Fontaine.

Em “A cigarra e a formiga”, Esopo (2013, p. 154) narra de uma cigarra faminta que pede às formigas alimento durante o inverno. Ao ser questionada sobre o fato de também não ter se ocupado recolhendo alimentos, durante o verão, a cigarra lembra às formigas: “Mas eu não fiquei à toa! Ao contrário, ao cantava canções melodiosas!”. Apesar da justificativa, não recebe nada mais que uma resposta debochada: “Mas se você flauteava no verão, dance no inverno!”. O narrador complementa a opinião das formigas de que o ato de cantar era sinônimo de ser desocupado, deixando a recebe a seguinte lição ao leitor: “[...] não devemos descuidar de nenhuma tarefa, para não padecer aflições nem correr riscos”.

Destino semelhante é reservado à cigarra na versão recontada por La Fontaine e traduzida pelo poeta Bocage para a língua portuguesa:

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão
Achou-se em penúria extrema
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarela
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brio,
Algum grão com que manter-se
Té voltar o aceso estio.

– Amiga, – diz a cigarra –
Prometo, à fé d'animal,
Pagar-vos antes de agosto
Os juro e o principal.

A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso junta.
– No verão em que lidavas? –
À pedinte ela pergunta.

Responde a outra: – Eu cantava
Noite e dia, a toda a hora.
– Oh! bravo! – torna a formiga.
– Cantavas? Pois dança agora! (LA FONTAINE, 2013, p. 06 e 07)

A cigarra não espera mais pela generosidade da formiga para lhe doar alimentos, por isso lhe pede um empréstimo. Mesmo assim, não foi atendida e perece de novo no frio. Agora, a dificuldade em considerar a sua cantoria como ofício se junta à avareza da formiga.

Em ambos os textos prevalece a ideia de que o ato de cantar não poderia ser considerado um trabalho que garantiria à cigarra dias tranquilos quando o inverno chegasse. Ela poderia até teimar em fazê-lo, mas deveria conciliá-lo a alguma atividade laboral que lhe fornecesse recursos para o próprio sustento. Fico imaginando o impacto que a moral de tais fábulas, ao propor que a dedicação à arte não poderia ser considerada uma ocupação profissional, possa causar, ainda hoje, na vida daqueles mais inclinados à criação artística. Quantas cigarras passaram a viver como formigas, porque foram desencorajadas a desenvolver suas habilidades artísticas por medo de perecer em uma sociedade centrada no lucro e em resultados materiais?

Recuperando a relação dos poetas com a sociedade, para focar apenas na expressão artística com a qual sou mais familiarizada, podemos observar que nem sempre eles foram bem-vindos. Tendo em vista certa tendência de a poesia moderna se distanciar de temas voltados ao mundo empírico, é importante repensar o tipo de relação estabelecida entre poeta e sociedade.¹ Desde Platão, com a sua pouca afinidade com

¹ Essa discussão foi desenvolvida na minha tese de doutoramento – Um *Museu* de duas faces: poesia de circunstância em João Cabral de Melo Neto – defendida na UFMG, no primeiro semestre de 2019, sob a orientação do professor e poeta Sérgio Alcides.

criadores da arte poética, passando pelo Simbolismo, com a ideia de torre de marfim e de poeta eleito e iluminado, até chegar ao Modernismo, no qual o poeta precisa conciliar o ato de escrever com outras atividades laborais, a sua relação com a sociedade é pouco amistosa.

É famosa a condenação dos poetas por Platão, que os exclui da cidade ideal, em *A República*. No diálogo *Íon*, Sócrates parece louvá-los, mas apenas demonstra que eles alcançam o êxito não por meio do “trabalho de arte”, e sim pela inspiração, ou seja: por estarem entusiasmados, possuídos por um deus. Tanto o poeta quanto o pintor eram considerados por Platão fabricantes de simulacros, imitadores que não retratavam a realidade, mas apenas as aparências das coisas, por não possuírem conhecimento nem opinião acerca da beleza e da utilidade daquilo a que se propunham a imitar. Portanto, os filósofos não deveriam se deixar atrair pela paixão causada pela poesia.

A ideia de poeta inspirado, difundida ao longo dos tempos, é retomada por João Cabral, principalmente na tese “Poesia e composição”. Se, para o filósofo grego, a posse de um deus, que também pode ser vista como inspiração, afastava o poeta da realidade, para o escritor pernambucano encarar a criação poética como um trabalho de arte, no qual o poeta deveria se esforçar, representa a maneira de aproximar poesia a assuntos que interessam ao público. Desse modo, reservadas as devidas proporções, a inspiração continua sendo associada a meios de afastar o poeta moderno do real.

No Modernismo, o poeta, diante de um contexto desencadeado pela Revolução Industrial e pelo avanço do Capitalismo, no qual o produto do seu trabalho não é considerado algo propenso ao consumo, afasta-se de temáticas empíricas. Na concepção de Octávio Paz (2012, p. 296), em *O arco e a lira*, “ao se reduzir o mundo aos dados da consciência e todas as obras ao valor trabalho-mercancia, automaticamente expulsou-se da esfera da realidade o poeta e suas obras”. A desvalorização da poesia na era moderna, por não representar aquilo que traz lucros e benefícios materiais imediatos, leva a arte poética a buscar diferentes meios de não sucumbir a essa ordem vigente. Entre essas formas destaca-se o narcisismo que leva a poesia a voltar-se apenas para si mesma, fazendo do cunho metalinguístico seu principal motivo.

Acerca das formas de resistência encontradas pela poesia moderna, Alfredo Bosi (2000) aponta: poesia-metalinguagem, poesia-mito, poesia-biografia, poesia-sátira, poesia-utopia. Entre os caminhos mais trilhados nesse ato de resistir, a metalinguagem “é o que traz, embora involuntariamente, marcas mais profundas de certos modos de pensar correntes que rodeiam cada atividade humana de um centurião de defesa e

autocontrole” (BOSI, 2000, p. 170). O viés metalinguístico representa uma espécie de narcisismo por meio do qual a poesia moderna, ao ser rechaçada por uma sociedade que não a considera um produto apto ao consumo, devolve-lhe essa indiferença. Afasta-se de assuntos ligados a realidade imediata como um gesto de recusa, revelando seus próprios métodos e falando apenas de si.

Voltemos ao dilema da cigarra com a formiga para pensarmos na relação da sociedade com os artistas. Na Literatura Brasileira, a partir do século XX, as releituras das fábulas de La Fontaine e Esopo reservaram um desfecho mais feliz para a cigarra. Em “A cigarra e as formigas”, Monteiro Lobato narra a estória a partir de duas perspectivas: I – A formiga boa e II – A formiga má. Na primeira, ao recordar que a cantiga da amiga tornou o trabalho no formigueiro menos enfadonho, a formiga boa retribui-lhe:

Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo. (LOBATO, 2013, p. 12)

Em “A formiga má”, ainda que o destino da cigarra tenha sido tragicamente definido pela usura de uma formiga que se recusa a emprestar os restos da comida, a importância é enfatizada depois que “a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga.” (LOBATO, 2013, p. 13)

Nas versões de Lobato, o trabalho artístico é reconhecido e recompensado pelo público de maneira próxima ao que se reivindica em “Nunca não”, de Vander Lee. Afinal, independente do desfecho da cigarra em consequências da generosidade da formiga boa ou da avareza da formiga má, o narrador destaca que “Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade”. (LOBATO, 2013, p. 13). A valorização das cigarras não impede que o narrador redima também as formigas. Após a morte da cigarra, Narizinho – recorrendo ao livro de Maeterlinck² que Dona Benta havia lido para eles – contesta a maldade atribuída às formigas, pois “são os únicos isentos caridosos que existem”.

² Trata-se, possivelmente, do livro *A vidas formigas*: um universo misterioso, do dramaturgo e ensaísta belga de língua francesa, Maurice Maeterlinck.

O entendimento de que a atividade do artista possui peculiaridades que a distingue das outras – sem significar, porém, que o fruto do seu trabalho não possua tanto valor quanto aquele que gera resultados práticos e imediatos – perpassa também o poema “Sem barra”, de José Paulo Paes:

Enquanto a formiga
carrega comida
para o formigueiro,
a cigarra canta,
canta o dia inteiro.
A formiga é só trabalho.
A cigarra é só cantiga.
Mas sem a cantiga/
Da cigarra
Que distrai da fadiga,
Seria uma barra
O trabalho da formiga! (PAES, 1989, p.)

Tanto Monteiro Lobato quanto José Paulo Paes veem certa equivalência na atuação da formiga e da cigarra. Ambas desempenham funções necessárias para a sociedade, cada uma à sua maneira.

Em outras versões de tom mais humorístico, a relação de igualdade proposta por por esses escritores brasileiros é subvertida. Agora, a cigarra decide dar o troco na formiga. No “Rap da formiga e da cigarra”, Jô Soares apresenta uma cigarra *punk* que criticava o trabalho ininterrupto da formiga e a sua mania de acumular bens materiais. Sem se encaixar naquele perfil, afasta-se, vai cantar rock, curtir a vida e retorna apenas

para lembrar a amiga que:
eu tô na minha...
Não vim aqui pedir nada.
Só vim dizer que eu, sozinha,
fiz a Sena acumulada. (SOARES, 1990, p. 17)

O *status* de profissão que o canto da cigarra havia alcançado nas versões de Monteiro Lobato e de José Paulo Paes é substituído pela sorte de quem pode se dar ao luxo de não precisar mais trabalhar. Porém, esse “fazer a Sena acumulada” me traz algumas inquietações: seria uma forma de zombar do trabalho braçal desenvolvido pelas formigas ou de refletir sobre a trajetória incerteza de muitos artistas em busca do sucesso profissional?

A formiga de Millôr Fernandes, preocupada com a espiral inflacionária e a recessão econômica, perde a paciência com a cantiga da cigarra, ameaçando lhe deixar abandonada na fase difícil do inverno:

Canta, canta, salafrária,
E não cuida da espiral inflacionária!
No inverno,
Quando aumentar a recessão maldita,
Você, faminta e aflita,
Cansada, suja, humilde, morta,
Vira pechinchar à minha porta. (FERNANDES, 2009)

Diante da afronta da formiga, a cigarra, por sua vez, não deixa por menos e mostra-lhe quem de fato deveria estar preocupada:

Você está por fora,
ultrapassada sofredora.
Hoje eu sou em videocassete
uma reprodutora!
Chegado o inverno,
continuarei cantando
– sem ir lá –
No Rio,
São Paulo
ou Ceará.
Rica!. (FERNANDES, 2009)

A cigarra moderna e rica, agora, pode cantar à vontade, inclusive em troca de dinheiro, em shows e anúncios publicitários. Conta com meios de difusão que espalha a sua cantiga por vários cantos, sem precisar da sua presença. Se com a possibilidade de reprodução da sua obra por meio do videocassete a cigarra de Millôr já se sentia poderosa, imagine até onde chegará a sua voz com realização das infinitas *lives* no *YouTube*?

Não podemos nos esquecer de que tanto Jô Soares quanto Millôr Fernandes narram o apogeu de algumas cigarras privilegiadas dentro da sua própria espécie. Infelizmente, nem todas são ricas, quer seja porque fizeram a Sena acumulada quer seja porque, mesmo quando não trabalham, continuam a faturar com a exibição de seus shows em videocassetes, ou melhor, nas plataformas de *streaming*.

Por outro lado, se considerarmos a cigarra como representante de todos os artistas, precisamos ficar atentos às diversas categorias existentes. Nem todas vivem de

cantar, há, também, escritores, pintores, escultores, atores, artistas circenses e muitos outros. Além disso, produtos artísticos e culturais, como shows, filmes, livros, espetáculos teatrais, por exemplo, resultam de um trabalho coletivo que lembra os versos de João Cabral de Melo Neto: “Um galo sozinho não tece a manhã: ele precisará sempre de outros galos”. Há uma cadeia de outros profissionais, muitas vezes invisíveis, que precisam receber o mesmo cuidado dispensado às cigarras mais notáveis.

No Brasil, o inverno, também conhecido como Covid-19, pegou formigas e cigarras desprevenidas. Ambas têm lidado com inúmeras dificuldades, porém, em um contexto no qual o saber, a arte e a cultura já não possuem tanta valia, as cigarras tornaram-se ainda mais vulneráveis. Causa no mínimo desconforto saber que na Alemanha, na França e no Reino Unido, por exemplo, políticas de apoio aos trabalhadores da arte e da cultura foram implementadas, enquanto os artistas brasileiros continuam a ser hostilizados pelo governo brasileiro. Para não citar apenas ações de países europeus, nossos vizinhos da América do Sul também dão bons exemplos de valorização da arte neste contexto adverso. No Equador, o governo tem disponibilizado recursos financeiros aos artistas de menor renda para que possam realizar apresentações de suas casas, enquanto por aqui a categoria foi excluída da lista de profissionais aptos a receber o Auxílio Emergencial de R\$ 600,00. Na capital do Uruguai, livros são distribuídos dentro das cestas básicas a fim de ajudar as famílias a enfrentar o isolamento. Essas são apenas algumas ações políticas que poderiam ser imitadas por quem tenta impor, no grito, a tal “Leveza” ao povo brasileiro.

Contudo, após mais de dois meses de abandono do setor cultural, a organização da classe artística, a pressão popular e a atuação de alguns parlamentares progressistas, tornaram possível a aprovação da Lei Aldir Blanc, no último dia 26. O projeto de lei (PL 1075/20) prevê a destinação de R\$ 3 bilhões para manutenção de espaços artísticos e pagamento de renda mensal a trabalhadores da cultura, entre outras ações que auxiliem o setor no enfrentamento dessa pandemia. Foi aprovado na Câmara Federal, seguirá para o Senado e, depois, poderá ser sancionado ou vetado pelo Presidente da República. Mesmo após a aprovação simbólica, os rituais burocráticos e as incertezas sobre a decisão presidencial prologam a implementação dos recursos financeiros aos artistas. Talvez, não por coincidência a aprovação da Lei Aldir Blanc represente uma espécie de “Esperança equilibrada”.

Se ainda tivéssemos um Ministério da Cultura, talvez, pudesse partir de lá atitudes mais contundentes, capazes de tornar o inverno das cigarras mais leve. Na

estória de Monteiro Lobato, após ser acolhida pela formiga, “a cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol”. Portanto, nossas cigarras precisam ser amparadas para tornar o inverno de todos menos enfadonho e, assim, prosseguir a cantoria nas outras estações. Mas que proteção um país cujo Ministério da Cultura foi extinto pode oferecer a seus artistas? Alguns poderão me responder com um nefasto: “E daí? Também já não há mais Ministério do Trabalho!”.

Sem Ministérios da Cultura e do Trabalho, com a Democracia se decompondo, dezenas de milhares de brasileiros mortos por Covid-19, enquanto escalamos a passos largos o ranking mundial de infectados pela doença, é incômoda a constatação de que nosso caso é grave. Diante disso, não faz mais sentido que esta estória se limite à formiga e cigarra com seus dilemas acerca de cantar ser ou não uma atividade laboral. À medida que ultrapassamos os limites das fábulas de Esopo e La Fontaine, surgem outros personagens macabros. Seguindo a alegoria da saga brasileira com a de pequenos seres, o filme de animação *A Bug's life* (1998), dirigido por John Alan Lasseter, pode representar melhor nosso flagelo. Neste contexto hostil, cabe a formigas e cigarras nos acolhermos, durante o inverno, para que possamos resistir às investidas dos gafanhotos que ameaçam também nossas primaveras e nossos verões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ESOPO. *Esopo – fábulas completas*. Tradução: Maria Celeste C. Dezotti. São Paulo: Cosc Naify, 2013.

FERNANDES, Millôr. “A cigarra e a formiga”. Revista Veja. Edição 2120. São Paulo: Editora Abril, 08 jul. 2009. Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/millor-fernandes-a-cigarra-e-a-formiga/> Acesso em 11/05/2020.

LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas de La Fontaine*. Tradução: Bocage. Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro, Portugal, 2013. Disponível em: bibliotecadigital.aejm.pt Acesso em 10 maio 2020

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 3. ed. São Paulo: Editora Globo, 2012.

PAES, José Paulo. “Sem barra”. In: _____ *Olha o bicho*. São Paulo: Ática, 1989.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PLATÃO. *Diálogos III: A República*. 23 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

PLATÃO. *Íon*. Trad. Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RIBEIRO, Edneia Rodrigues. *Um museu de duas faces: poesia de circunstância em João Cabral de Melo Neto*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2019.

SOARES, Jô. “Rap da cigarra e a formiga”. Revista Veja. São Paulo: Editora Abril. 31 out. 1990, p. 17. Disponível em: <http://sugestoesdeatividades.blogspot.com/2012/09/rap-da-cigarra-e-formiga-jo-soares.html> Acesso em 10 maio 2020.

VANDER LEE. Faro. Direção artística: Marcelo Sussekind. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/2yXrzi51lY63s4mF8Dlil5?highlight=spotify:track:0dGFVYtHuKUsiL4hhKN3SV> Acesso em 05 maio 2020.